



HIPÓTESES DAS CRIANÇAS NA APROPRIAÇÃO DO SISTEMA DE ESCRITA ALFABÉTICA

Athiliana De Moura Silva¹, e-mail: athiliana.moura@aluno.uece.br; José Valdemir de Sousa Soares², e-mail: valdemir.soares@aluno.uece.br; Ana Luisa Nunes Diógenes³, e-mail: luisa.diogenes@uece.br.

RESUMO

A alfabetização é um processo complexo de extrema importância no processo formativo da criança. E para que se tenha êxito nesse percurso é imprescindível que se considere as hipóteses das crianças na aquisição e funcionamento do sistema de escrita alfabética, pois antes mesmo de ingressarem na escola já possuem construções do que seja a escrita. Levando isso em consideração e partindo da teoria da Psicogênese da Língua Escrita, foi proposto como objetivo analisar como as crianças constituem suas hipóteses na apropriação do sistema de escrita alfabética. Para isso nos pautamos nos autores: Coutinho (2005); Ferreiro (2011); Morais (2005); Soares (2020).

Palavras-chave: Alfabetização; Psicogênese da língua escrita; Sistema de escrita alfabética

1. INTRODUÇÃO

Muito se fala sobre o processo de alfabetização das crianças e possivelmente o principal objetivo central é descobrir como as crianças se apropriam do sistema de escrita alfabética (SEA). Entretanto, tradicionalmente, como bem coloca Coutinho (2005, p. 47), se acreditava que a criança aprendia ler e escrever memorizando sons, sílabas e letras, os próprios alunos nunca eram levados a produzirem as suas escritas livremente para escrever qualquer palavra, ou seja, a criança só poderia externar a sua escrita, quando fosse solicitada pela professora. A autora supracitada afirma que as escritas espontâneas não eram aceitas, isso porque as crianças tinham que exclusivamente acertar, não sendo dado a ela a oportunidade de reflexão sobre a escrita.

Tentando entender como as crianças evoluem na aquisição do SEA, formulamos como objetivo desse estudo analisar como as crianças constituem suas hipóteses na apropriação do sistema de escrita alfabética. Para isso, foi realizado o teste das quatro palavras e uma frase, com duas crianças da zona urbana da cidade de Itapipoca, com o intuito de coletar os dados para a análise. Ressaltamos que o trabalho é fruto de estudo realizado na disciplina de Alfabetização de crianças, ministrada pela professora Ana Luisa.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

O processo de alfabetização é complexo e extremamente importante na formação da criança. Não podemos entendê-lo como “[...] a aprendizagem de um código,



mas a aprendizagem de um *sistema de representação*, em que signos (grafemas) *representam*, não codificam, os sons da fala (os fonemas). [...]” (SOARES, 2020, p. 11, grifo da autora). Nesse contexto, é imprescindível que a criança não só memorize algumas letras e forme palavras, é necessário entender os usos desses grafemas, indo além e elaborar a compreensão de que esses pequenos fragmentos que formam as palavras representam os sons da fala. E “[...] Para dominar um sistema notacional, o indivíduo precisa desenvolver representações adequadas sobre como ele funciona, isto é, sobre suas propriedades” (MORAIS, 2005, p. 33).

Partindo da complexidade que carrega o processo de aquisição do sistema de escrita alfabética, em sua fase inicial, “Essa criança se coloca problemas, constrói sistemas interpretativos, pensa, raciocina e inventa, buscando compreender esse objeto social particularmente complexo que é a escrita, tal como ela existe na sociedade” (FERREIRO, 2011, p. 11). Dessa maneira, Soares (2020, p. 51) coloca que a criança desde muito cedo, por estar inserida em um ambiente social que se utiliza da escrita, antes mesmo de entrar na escola, já começa a fazer elaborações de como funciona a escrita e de como se escreve.

De acordo com a sua evolução cognitiva e a partir de várias hipóteses já formuladas, em interação ativa com materiais escritos no decorrer do tempo, as crianças vão elaborando formulações e tornando mais sofisticadas as suas compreensões em relação à escrita. Por isso,

[...] não se trata de que as crianças reinventem as letras nem os números, mas que, para poderem se servir desses elementos como elementos de um sistema, devem compreender seu processo de construção e suas regras de produção [...]. (FERREIRO, 2011, p. 17).

E para que as crianças se lancem nesse desafio complexo de apropriação do SEA, é necessário que seja dado a elas as oportunidades necessárias e, mais que isso, seja considerado o que ela já traz consigo para o ambiente escolar, pois “Os aprendizes não se lançarão ao desafio de escrever se houver a expectativa de que produzam textos escritos de forma totalmente convencional, exatamente porque no início da alfabetização isso ainda não é possível.” (COUTINHO, 2005, p. 48). A autora ainda pontua que mesmo que as crianças não saibam escrever de maneira convencional, elas já apresentam algumas hipóteses de como realizar a escrita.



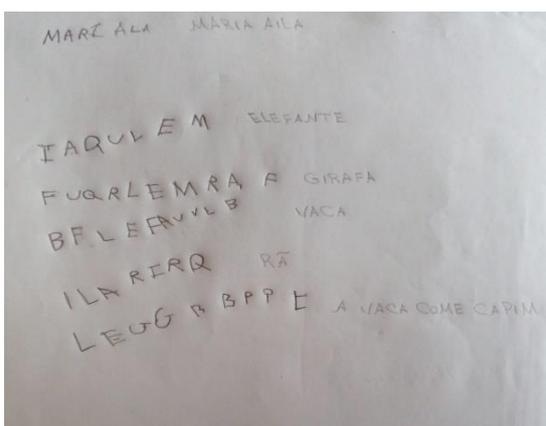
Partindo da teoria da psicogênese da língua escrita, adiante vamos trazer a análise da produção escrita de crianças em processo de alfabetização, visando a compreender suas hipóteses, entendendo que “[...] Quando uma criança escreve tal como acredita que poderia ou deveria escrever certo conjunto de palavras, está nos oferecendo um valiosíssimo documento que necessita ser interpretado para poder ser avaliado. [...]” (FERREIRO, 2011, p. 20).

3. METODOLOGIA

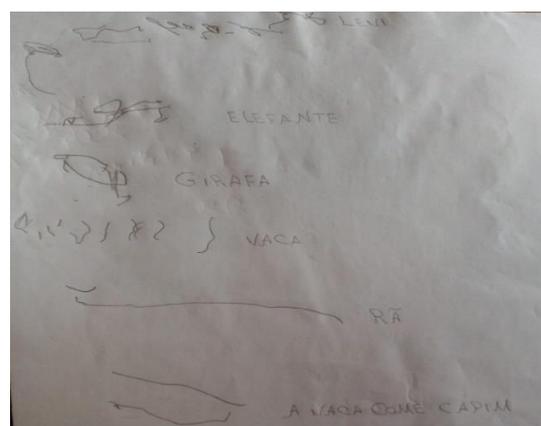
Esse relato de experiência é decorrente de estudos realizados na disciplina de alfabetização de crianças, ministrada pela professora Ana Luisa. Para a obtenção dos dados analisados, foi realizado o teste das quatro palavras e uma frase, com duas crianças que residem na zona urbana de Itapipoca. As crianças têm três e quatro anos. Para isso foram selecionadas quatro palavras, uma polissílaba, uma trissílaba, uma dissílaba e outra monossílaba do campo semântico animais. São elas: elefante, girafa, vaca e rã. E ao final foi solicitado que as crianças escrevessem a frase, “A vaca come capim” Ainda foi possível perguntar aos pais se ambos eram alfabetizados, se eles realizavam prática de leituras em casa. A coleta dos dados foi realizada na própria casa das crianças.

4. RESULTADOS

Como dito anteriormente, foi aplicado um teste de quatro palavras e uma frase, com o intuito de obter dados para análise das concepções de escritas das crianças. Para isso, logo abaixo mostra-se as imagens dessas escritas. Foi considerado como necessário contornamos os traços escritos das crianças, preservando-os, a fim de torná-los mais legíveis.



Criança de 4 anos



Criança de 3 anos



Antes da aplicação do teste foi feita uma conversa inicial com as crianças, no intuito de deixá-la bem à vontade, para que assim ela escrevesse tal qual como considerasse correto, isso porque a forma como a criança escreve nos oferece subsídio para identificarmos em qual nível de escrita ela se encontra. No decorrer da aplicação as crianças mostraram uma certa dificuldade. A criança de quatro anos perguntou se podia errar. Outras vezes, na escrita das palavras afirmaram não conhecer a palavra porque a mãe não tinha ensinado. Mas a constatação que se tem é a de que todo esse processo faz parte da construção de hipóteses a respeito da escrita, mesmo sabendo que por muito tempo as noções da criança em relação a esse artefato eram desconsideradas. Partimos agora à análise das escritas.

O que se pode perceber, são duas escritas que se diferenciam, onde a criança de quatro anos realiza uma escrita com letras e a criança de três anos tem a concepção de que a escrita é apenas rabiscos, ou seja, enquanto uma consegue entender que a escrita se faz com letras, a outra ainda se encontra nesse processo de descoberta. Embora se apresente duas escritas distintas, ambas estão no mesmo nível de aquisição do sistema de escrita alfabética, o nível pré-silábico. No caso da escrita da criança de quatro anos, Coutinho (2005, p. 53), afirma “[...] O aluno não faz correspondência entre escrita e pauta sonora nem no eixo da quantidade, pois o número de letras não equivale ao número de sílabas nem ao fonema”.

É importante salientar que as duas crianças estão em um processo constante de construção de hipóteses sobre a escrita, embora as primeiras sejam bem elementares. Pode-se perceber a progressão entre as duas escritas, provavelmente a criança de quatro anos que já entende que a escrita se faz com letras, já passou por essa fase de se fazer rabiscos ou até mesmo fazer desenhos para imitar a escrita, sendo isso um aspecto bem comum entre as crianças de nível pré-silábico. A criança de três anos, embora ainda não se utilizando das letras para escrever, já consegue ter uma noção de linearidade e a partir de novos confrontos e questionamentos evolua na compreensão de como funciona o SEA.

Quando indagado aos pais das crianças se eles realizam práticas de leitura e escrita em casa, apenas uma das famílias afirmou que sim, com isso, podemos supor que a discrepância apresentada acima entre as duas escritas pode se dever a ausência de contato com as práticas de leituras e escrita e com diferentes gêneros textuais em casa, já que esse ambiente extraescolar é considerado um fator preponderante nesse processo de



apropriação da escrita. Considerando que uma das crianças já tem consciência de que a escrita se faz com letras, é explícito que o apoio dos pais na aquisição do SEA é imprescindível no processo de alfabetização das crianças.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir do que foi mostrado, é importante destacarmos o relevante subsídio que as primeiras hipóteses das crianças fornecem aos profissionais alfabetizadores (as) que estão em formação inicial como também para aqueles que já atuam. Isso faz com que se possa pensar em meios para se promover ou ampliar o processo de alfabetização, entendendo que antes mesmo da entrada da criança na escola ela já tem noções de como escrever, embora ainda não corresponda ao convencional. E isso é um ponto extremamente importante a ser considerado, pois possibilita ao professor elaborar formas de intervenção para que a criança possa avançar em seu processo de alfabetização. Foi possível perceber que as crianças se encontram no nível pré-silábico, estando em constante progressão na construção de novas hipóteses de escrita até a compreensão e aquisição do Sistema de Escrita Alfabética.

6. REFERÊNCIAS

COUTINHO, Marília de Lucena. Psicogênese da língua escrita: O que é? Como intervir em cada uma das hipóteses? Uma conversa entre professores. *In*: MORAIS, Arthur Gomes; ALBUQUERQUE, Eliana Borges Correia; LEAL, Telma Ferraz (orgs.).

Alfabetização: Apropriação do sistema de escrita alfabética. Belo Horizonte: Autêntica, 2005. cap. 3, p. 47-69.

FERREIRO, Emilia. A representação da linguagem e o processo de alfabetização. *In*: FERREIRO, Emilia. **Reflexões sobre a alfabetização**. São Paulo: Cortez, 2011. cap. 1, p. 13-42.

MORAIS, Artur Gomes de. Se a escrita alfabética é um sistema notacional (e não um código), que implicações isso tem para a alfabetização?. *In*: MORAIS, Arthur Gomes; ALBUQUERQUE, Eliana Borges Correia; LEAL, Telma Ferraz (orgs.). **Alfabetização**: Apropriação do sistema de escrita alfabética. Belo Horizonte: Autêntica, 2005. cap. 2, p. 29-46.

SOARES, Magda. **Alfaletrar**: toda criança pode aprender a ler e a escrever. São Paulo: Contexto, 2020. 352 p.